

5 Conclusão

A presença de Deus, desde os tempos mais remotos, tem sido buscada pelo ser humano durante toda a sua história sobre a face da terra. Isso produz uma conceituação da divindade, mesmo não sendo intencional.

O principal conteúdo deste trabalho foi mostrar que esta busca do ser humano sempre se dá dentro dos limites do tempo e da cultura de cada época. O assunto é apresentado como revelação absoluta por aqueles que, em seu tempo, desfrutaram desta *presença divina*. Uma vez estabelecida a rigidez da forma dessa reverência e da adoração à divindade, torna-se excludente qualquer outra manifestação de busca, ou de contato com o Eterno. Isso produz, por um lado, uma expressão de contato com o Sagrado e com o espiritual e, por outro, as dissensões evidenciando o quanto as exclusões, culminam em guerra e destruição. Jesus mesmo alertou acerca das posturas humanas e das perseguições: “Alegrai-vos e regozijai-vos porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós” (Mt 5:12).

Nem mesmo a civilização judaico-cristã ficou imune a tal perspectiva de oposição e de exclusão. Na verdade, inclusive foi o cristianismo quem, no ocidente, fomentou mais a perseguição contra aqueles que divergiam não somente desde a visão religiosa, mas incluindo também divergências a partir das questões de ciência e em todos os âmbitos da vida humana. Este dualismo trouxe grande prejuízo para a fé, no Evangelho de Jesus Cristo.

Na visão de Andrés Torres Queiruga aí está o grande empecilho para a concretude da missão cristã, razão pela qual se demanda uma ruptura com o pensamento da cristandade e um enfrentamento teológico. Será preciso, nesse aspecto teológico, buscar a origem de tamanho erro que a Igreja fez em se afastar da mensagem simples do Evangelho que continua confundindo os *pequeninos* e que, no dizer de Jesus, ele veio buscar. Isso implica também conhecer maneiras práticas que orientem o fiel a caminhar no caminho de Jesus Cristo, o único que revelou plenamente a Deus como Pai.

Assim, o trabalho partiu desse ponto fundamental presente no cristianismo de um modo geral e também no meio evangélico, inclusive nas denominações tradicionais históricas. Falou dessa visão de um Deus punitivo para os que não lhe agradam e ao mesmo tempo de uma mensagem anunciada de um Deus misericordioso e amoroso que está pronto a perdoar.

Com o advento do mundo moderno todo o arcabouço teológico estabelecido, há séculos, foi compelido a ser repensado, uma vez que o paradigma do pensar humano foi mudado devido à revolução cultural da modernidade.

Assim, houve um mundo no qual diversos acontecimentos naturais foram atribuídos a Deus, ou aos demônios, segundo a avaliação do que seria bom, ou mal. Hoje é impossível pensar desta forma visto que a ciência já provou que a natureza é regida por leis naturais com autonomia própria e não como algo que vem de fora do mundo. Essa visão de Deus tornava-o supérfluo enquanto explicação causal de tudo que acontecia, prejudicando inclusive a fé, uma vez que a ciência pode vir a explicar todas estas causas. Nessa empreitada, o teólogo Torres Queiruga abriu o horizonte e, aqui nesta pesquisa, pode se ter, de forma específica, uma noção a respeito de seu Conceito sobre Deus.

Assim, no primeiro capítulo desta dissertação, buscou-se levantar a imagem de Deus na modernidade, na qual se verifica a possibilidade de uma visão teológica corrente, com sua cosmovisão teocêntrica, mas que levava ao grande conflito da pessoa sentir-se envolvida por um Deus ausente. Essa ausência de Deus era percebida, pois para se chegar a ele era preciso fazer alguma coisa para agradá-lo e, mesmo assim, podia não se sentir sua presença. Todo esse ambiente religioso levou à secularização dos tempos modernos, com a negação desse conceito de Deus na visão corrente da época. Isso teve uma importância tão grande que extrapolou os limites da religião e do templo e influenciou de tal maneira a sociedade que invadiu as ruas, o comércio, as relações pessoais e, até mesmo, internacionais.

Mais adiante, neste mesmo capítulo, vislumbrou-se o que se pode chamar de transição do ambiente religioso medieval para o moderno. Ali, o conceito burguês do evangelho vai constituir a sociedade de então e influenciar as futuras gerações, causando uma dualidade entre o espírito burguês e o espírito cristão. Constatou-se que esta impregnação burguesa na imagem Deus confirma posteriormente o surgimento do ateísmo. Apesar do apelo a uma visão crítica do conceito de Deus, dentro dos diferentes âmbitos religiosos, isso não significa que se deva ceder acriticamente aos princípios da modernidade.

No segundo capítulo, viu-se como a imagem de Deus foi descortinada pelos escritores das Sagradas Escrituras. Assim, percebe-se, neste ambiente finito que é o mundo atual, que a fé sempre se expressa numa cultura e que, definitivamente, a pessoa humana encontra-se em uma cultura diferente da

época na qual se registraram as Sagradas Escrituras. Distinta também daquela na qual viveu Jesus de Nazaré, em cujo cristianismo tem se a evidência perfeita da revelação de Deus.

Assim viu-se, aqui, a representação de Deus no Antigo Testamento, onde a relação entre o fato e o significado pode ser distorcida por não se compreender o que verdadeiramente o escritor sagrado pretendia salientar com o seu relato.

De fato, é impossível ignorar que as marcas do tempo podem fazer com que a letra mate, mas é preciso redescobrir, também, que o espírito vivifica, ou seja, o seu verdadeiro e mais profundo significado. Pode-se observar, ao mesmo tempo, que desde cedo Deus é reconhecido como Salvador e como Pai, contudo o conceito de revelação precisa ser não fundamentalista, mas de autocomunicação divina. Além disso, observaram-se alguns exemplos da intervenção de Deus no Antigo Testamento, nos quais as inúmeras ordens para os sacrifícios humanos constituíam um dado ambiental onde mesmo em Israel se via a luta, sem trégua, contra a idolatria, pois a ideia de Deus ainda não era totalmente monoteísta.

Mais adiante, neste mesmo capítulo, descortinou-se o que para Queiruga é o ponto central de seu pensamento: a representação de Deus no *Abbá* de Jesus. Por conseguinte, Jesus é a chave hermenêutica para a compreensão de toda a Escritura e, conseqüentemente, para a compreensão de Deus e da própria vida humana, sem a qual ela se tornará vazia, deixando o ser humano órfão no mundo.

Buscou-se, portanto, compreender como se deu a experiência de Jesus com o *Abbá* e como ele foi capaz de conciliar a autoridade e a ternura na figura da paternidade divina. O que Torres Queiruga chama de *vivência do Pai* é o que constituiu o núcleo central da personalidade de Jesus, que pode revelar uma identidade totalmente nova acerca da divindade. Nesta sequência, observou-se que Jesus revela aos seus discípulos uma nova representação divina baseada na experiência da sua vivência paternal que moldou a sua vida e também seus relacionamentos.

Esse novo conceito de Deus não é excludente, mas apresentado como um Deus para todos, sendo o que ele diz ser: um Deus de amor. Ao compreender tal revelação, os discípulos fazem a reflexão que está registrada no Novo Testamento, que apesar da estranheza da palavra *Abbá* ser aplicada a Deus, foi acolhida nas comunidades e transmitida, sobretudo por via litúrgica a todas as outras gerações.

Nos escritos joaninos se vê o resultado da experiência de Deus como Pai. Na primeira carta de João o cristão é despertado a ter confiança, pois vive na luz como filho de Deus coberto de amor, tornando-se um ser humano verdadeiramente livre que vence o mundo. Neste mesmo sentido, a contribuição paulina evidencia a clara consciência da realidade da invocação profundamente misteriosa e gratuita do Pai. Paulo diz: “e porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: *Abbá, Pai!*” (Gl 4,7) e também: “...mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: *Abbá!, Pai!*” (Rm 8,15). Assim, a esperança, a liberdade e a ausência de temor são as categorias que se abrem a todos os que se tornam filhos de Deus e abrem-se a partir da filiação na experiência cristã que supera toda a expectativa meramente humana.

Ao fazerem-se essas reflexões, a teologia de Torres Queiruga é uma via de diálogo para que o conceito de Deus seja compreendido como aquele que Jesus veio trazer. Vê-se a preocupação do teólogo em recuperar uma adequada imagem de Deus, que em sua visão, é a sublime resposta àqueles que analisam o viver religioso como um grande estorvo para a autonomia, realização e felicidade humana. Nos escritos do autor, encontra-se, uma proposta para levantar e despertar muitos cristãos de sua inércia religiosa, levando-os a buscarem uma vida de comunhão mais profunda com Deus e com o próximo e a seguirem os ensinamentos de Jesus, de modo mais concreto.

Em Jesus, Deus se revela como pleno amor, ao reservar para si a iniciativa da salvação. Assim também a Igreja que representa a presença de Deus no mundo, toma hoje a iniciativa, não só como instituição, mas principalmente, como reunião de indivíduos que, unidos, são o corpo de Cristo que é, particularmente, importante para a mudança e para a transformação deste mundo.

A leitura deste trabalho pode suscitar muitos outros questionamentos, como acontece, naturalmente, com a teologia de Queiruga. Mas o propósito aqui foi mostrar, especialmente no capítulo terceiro, que a imagem autêntica de Deus expressa nos dias atuais pode trazer, de fato, algo muito positivo, pois ela não depende da época, mas daquilo que foi revelado por Jesus de Nazaré. O teólogo busca o aspecto mais original que Jesus revelou, que sintoniza com os anseios e com as exigências do nosso tempo, respondendo a questionamentos de crédulos e agnósticos. Deus continua, como sempre

esteve, se manifestando no mundo hoje e basta o ser humano aperceber-se disto.

A imagem de um Deus presente e amoroso suscita o encontro com o Eterno em um mundo finito. O que mais impressiona é que é possível ao ser humano corrompido pelo pecado e pelo mal, poder se relacionar com um Deus infinito, santo e eterno. A busca de Deus continua e, perdurará para sempre, até que o ser humano seja aperfeiçoado no amor e na ressurreição como foi Jesus. E, embora viva-se em um mundo com tanto conhecimento tecnológico, tantas alternativas ao prazer, ainda se vê, contra todo prognóstico do fim da religião a perspectiva de reencantamento do mundo. O surgimento de tantas religiões, para-religiões e superstições, todas em busca de trazer uma razão para vida humana e felicidade eterna, são demonstrativos disto.

A resposta desta nova perspectiva já foi dada quando Deus, em sua infinita bondade, se revela como puro amor e assume a total iniciativa da salvação, dispondo-se a entrar na história humana para extraordinariamente apoiar o ser humano a ser perfeitamente realizado. A descoberta de um Deus que se apresenta a cada instante da vida, em favor do ser humano, é um fato, que por si, é extremamente positivo e transforma o viver daquele que se entende como filho amado.

O amor de Deus é o núcleo da experiência cristã, onde Jesus é quem conduz este espírito à sua consumação plena, demonstrando e vivenciando como aquele que ama sem restrição e perdoa, sem condições, fazendo deste o padrão único e supremo de conduta, onde toda a Lei é resumida em um *novo mandamento*.

Diante da angústia da realidade e da profunda aspiração da felicidade, Deus aparece, em sua imagem plena, como aquele que é fonte de toda a felicidade. Nessa conquista do amor por Deus ao ser humano, através de Jesus Cristo, a felicidade torna-se o sentimento de realização plena. Assim, atinge seu ápice na liberdade, quando a pessoa é chamada a desfrutar do processo de salvação que lhe é oferecido gratuitamente.

A celebração desse grande dom salvífico é expressa, de forma magnífica, por Paulo: “Cristo nos libertou para que sejamos livres” (Gl 5,1). Esse sentimento de liberdade e esse senso de que a vida foi entregue nas mãos da pessoa humana para construir o futuro, acompanhada por um Deus que é todo amor, dá sentido e alegria existencial.

Ainda é importante expressar que, desta forma, a visão teológica de Andrés Torres Queiruga resgata a linda imagem de um Deus terno e amoroso, que incentiva o ser humano a viver uma vida plena, apesar das dificuldades que a limitação da realidade mundana diuturnamente demanda, mas que está ao lado da pessoa como o maior amigo, incentivando a levar essa alegria até os *confins da terra* (cf. At 1,8).

Por fim, este trabalho não teve a pretensão de esgotar o assunto, uma vez que falar de Deus é uma ação inesgotável para o ser humano. Objetivou-se, apenas contribuir com o despertar das Igrejas para que as mesmas reflitam a respeito do conceito de um Deus Salvador, buscando alento para quantos estejam sem esperança neste mundo e para os que a perderam no âmbito espiritual. Incentiva-se, então, a olhar para Jesus de Nazaré, aquele que nos dias do primeiro século da era cristã pelos caminhos empoeirados da Palestina, transmitiu esta mensagem de alegria, mostrando que o Reino de Deus já estava entre todos.